

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR

Núcleo de História Oral

FICHA TÉCNICA

Código da entrevista: VR-HT-OP-005

Entrevistado: José Pinto (Téo)

Local da entrevista: Estação Ferroviária de Ouro Preto / Sala de Histórias

Data da entrevista: 26/09/2006

Horário da entrevista: 17h

Duração da entrevista: 43mim19seg

Equipe do Vale Registrar / História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Subcoordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg, Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor). **Intervenção:** Jason Barroso Santa Rosa

Gravação das entrevistas:

Coordenação: Bellini Andrade (EMVIDEO)

Produção: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Câmera: Mateus Brandão (EMVIDEO)

Assistente: Jeferson Fábio de Carvalho (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MiniDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 10/10/2006

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 26/10/2006

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

[Início da entrevista]

Elodia Lebourg – Inicialmente, eu gostaria que o senhor falasse seu nome completo.

Téo – José Pinto.

Elodia Lebourg – Onde o senhor nasceu?

Téo – Eu nasci em Mariana.

Elodia Lebourg – Quando?

Téo – Vinte e seis de outubro de 1952.

Elodia Lebourg – O senhor tem algum apelido?

Téo – Tenho. Téo.

Elodia Lebourg – Por que o senhor é chamado assim?

Téo – Minha madrinha.

Elodia Lebourg – É um apelido de infância, então?

Téo – É.

Elodia Lebourg – Todo mundo te conhece por este nome?

Téo – Todo mundo, todo mundo.

Elodia Lebourg – Daqui para frente, na entrevista, eu posso te chamar de Téo?

Téo – Pode, pode, pode.

Elodia Lebourg – Téo, qual é o nome dos seus pais?

Téo – Geraldo Pinto.

Elodia Lebourg – E da sua mãe?

Téo – Cecília Xisto.

Elodia Lebourg – Qual é a profissão deles?

Téo – Pai mexia mesmo com esses rios, garimpo... Casa dos Contos¹, assim...

Elodia Lebourg – O que na Casa dos Contos?

Téo – Não, quer dizer, naquele córrego que passa na Casa dos Contos ele garimpava. Cachoeira das Andorinhas², este córrego que passa aqui³, o Manso⁴...

¹ Refere-se ao córrego que passa ao lado da Casa dos Contos, à Rua São José, em Ouro Preto, e que era garimpado até alguns anos atrás.

² Localizada em Ouro Preto.

³ Córrego que passa ao lado da Estação Ferroviária de Ouro Preto.

⁴ Antiga fazenda de plantação e beneficiamento de chá, atual sede do Parque do Itacolomi/ IEF – Instituto Estadual de Florestas.

Elodia Lebourg – Quando foi isso, mais ou menos?

Téo – Faz uns 25 anos, mais ou menos.

Elodia Lebourg – O que ele garimpava aqui?

Téo – Ouro.

Elodia Lebourg – E com o que sua mãe trabalhava?

Téo – República⁵.

Elodia Lebourg – Fazendo o quê?

Téo – Faxina geral. Era doméstica em república: cozinhava, lavava, passava.

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer em qual república?

Téo – Ali, perto da Igreja do Carmo⁶, perto da Escola de Farmácia⁷. Eu acho que nem funciona mais como república. Parece que está desativada.

Elodia Lebourg – O senhor tem irmãos? Quantos?

Téo – Total em casa é 16.

Elodia Lebourg – Você foi garimpeiro?

Téo – Fui.

Elodia Lebourg – Outros irmãos seguiram essa profissão?

Téo – Não. Meu irmão... Só eu, que era mais chegado ao meu pai. A todo lugar que ele ia eu... Aprendi, fui aprendendo.

Elodia Lebourg – Antes de trabalhar com garimpo, o senhor trabalhou em outra coisa?

Téo – Trabalhei sim.

Elodia Lebourg – Com o quê?

Téo – Restaurante.

Elodia Lebourg – Fazendo o que em restaurante?

Téo – Ajudante de cozinha.

Elodia Lebourg – Nessa época, você tinha qual idade?

Téo – Eu era garoto ainda. [riso] Eu era bem garoto.

Elodia Lebourg – E em seguida?

Téo – Em seguida, eu trabalhei até 1970... Em 1971, fui para São Paulo. Lá eu me casei, trabalhei como ferreiro, forneiro, e voltei. Como eu já tinha... Andava com turista. Acabei pegando turista.

⁵ Moradia estudantil.

⁶ Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no centro de Ouro Preto.

⁷ Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Trabalhando como guia?

Téo – Como guia, isto.

Elodia Lebourg – Nesse momento, onde você trabalhou com garimpo?

Téo – Era hora de folga. A gente ia a esses rios aí, onde a gente trabalhava... Mas não compensa, não.

Elodia Lebourg – Em algum momento, trabalhar com garimpo foi sua principal atividade?

Téo – Foi.

Elodia Lebourg – Por quanto tempo?

Téo – Ah! Não tem tempo determinado, porque a gente fazia... Se algum viesse na frente, a gente fazia, não é? Mas não posso reclamar, não. [riso]

Elodia Lebourg – Entendi. Explica para a gente o que é o garimpo.

Téo – Garimpo que nós fazíamos aqui... Pegamos, por exemplo, uma coberta – pelúcia – e a colocamos no leito do rio e puxamos o material mais pesado do fundo: o ouro melhor está no barro mais fundo.

Elodia Lebourg – O que se faz com isto?

Téo – A gente vende. Qualquer pessoa compra. Até você⁸! Se eu tivesse um grama de ouro aqui, você compraria [riso] pelo preço do dia. Hoje, está muito escasso o ouro em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – O senhor saberia me dizer se existe alguma diferença entre garimpar e minerar?

Téo – Eu acho que sim, viu? O garimpo é manual, não é? Mineração já é uma coisa mais diferente, com certeza.

Elodia Lebourg – Aqui em Ouro Preto, você saberia me dizer quando começou esse trabalho de garimpo?

Téo – Durante toda vida, toda vida. [inaudível] a gente mexe com garimpo. Se tiver oportunidade, hoje, eu ainda tenho coragem.

Elodia Lebourg – Você ainda voltaria a garimpar?

Téo – Voltaria, voltaria. Só que a friagem... É muito frio e você vai dentro da água direto... É muito pouco ouro, hoje em dia. Tem que dar sorte. Tudo é na sorte mesmo. Tem local onde tinha muito, viu menina?

Elodia Lebourg – “Muito ouro” era quanto?

Téo – Muito ouro é quando você tira mais de um grama por dia. Aí sim!

⁸ O entrevistado refere-se à entrevistadora Elodia Lebourg.

Elodia Lebourg – Aqui na região, havia locais específicos?

Téo – Locais que davam mais de um grama por dia.

Elodia Lebourg – Onde?

Téo – Principalmente neste córrego aqui, neste e na Casa dos Contos também. Ô lugar que tinha ouro, viu? Cachoeira das Andorinhas tinha muito ouro. Eu acho que é... Lugar onde tem água tem riqueza, e Ouro Preto... Não sei, é um...

Elodia Lebourg – Isso acabou, foi-se esgotando?

Téo – Isto, isto... O povo vai...

Elodia Lebourg – Ainda tinha na época em que o senhor trabalhava?

Téo – O povo vai... Antes era muito garimpo, o povo vai... Você entendeu? Eu acho que é... Economia da cidade, turismo, empresa, então o povo vai largando, vai perdendo aquela cultura.

Elodia Lebourg – Entendi. E sobre o nome “ouro preto”, que é o nome da cidade, existe algum ouro preto?

Téo – Inclusive, tem loja que tem – é minério de ferro incrustado com ouro.

Elodia Lebourg – O minério de ferro é o ouro preto?

Téo – Ele vem incrustado: uma parte ouro, outra parte minério.

Elodia Lebourg – O senhor saberia me dizer nomes de rios ou mesmo de outras cidades que tenham a ver com a mineração? Assim como Ouro Preto, um nome que veio da mineração, existem outros lugares, aqui na região?

Téo – Com certeza! Antônio Pereira⁹, Mariana, esta região nossa aqui, toda ela assim... São Bartolomeu¹⁰... Até Cachoeira do Campo¹¹! Toda esta região... Acredito que sim¹².

Elodia Lebourg – Ouro Branco tem atividade de garimpo?

Téo – Acredito que sim. Tem. Salto¹³, lugar muito bom para ouro também.

Elodia Lebourg – Existe alguma devoção religiosa específica do garimpeiro?

Téo – Acho que sim.

Elodia Lebourg – Qual é esta devoção?

Téo – Ser católico, ter bom espírito.

⁹ Distrito de Ouro Preto.

¹⁰ Distrito de Ouro Preto.

¹¹ Distrito de Ouro Preto.

¹² O entrevistado não respondeu à pergunta feita, mas relacionou nomes de distritos que surgiram em decorrência da exploração do ouro.

¹³ Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto.

Bernardo Andrade – Mas tem algum santo específico do garimpeiro?

Téo – Santa Efigênia.

Elodia Lebourg – Por quê?

Téo – Eu acho que já vem de raiz, crença mesmo. Santa Efigênia é a única protetora que ilumina as pessoas. Ela dá sorte, com certeza.

Elodia Lebourg – Quando o senhor começou a garimpar?

Téo – Ah, eu era tão novo que nem me lembro mais! Bem menino mesmo!

Elodia Lebourg – Foi acompanhando seu pai?

Téo – É, acompanhando meu pai. Eu era muito apegado ao meu pai.

Elodia Lebourg – Como foi esse aprendizado?

Téo – É, a minha... Eu ficava perto do rio e fui aprendendo.

Elodia Lebourg – Outras pessoas trabalhavam no mesmo local?

Téo – Eram várias pessoas.

Elodia Lebourg – Você era jovem e acompanhava seu pai, trabalhava com ele. Como era isso? Explica o que você usava naquela época.

Téo – A gente testava o local, não é? Fazia um teste: se a bateia desse alguma pinta, aquele lugar era bom. Mais na superfície, não é? Aí podia afundar que era bom.

Bernardo Andrade – Como era esse teste? Você enfiava a bateia na água?

Téo – Se pintasse a bateia, a gente podia ficar... Achava, sim. Eu não usava nada, nada.

Elodia Lebourg – Só a bateia?

Téo – Só a bateia.

Elodia Lebourg – Como garimpeiro, você possui ou possuiu algum tipo de registro profissional?

Téo – Não. [riso] De maneira alguma!

Elodia Lebourg – Isso existe?

Téo – Acredito que não.

Elodia Lebourg – Que tipo de habilidade é necessária para conseguir garimpar com sucesso? Você falou que é preciso ter sorte. Em termos de habilidade, o que precisa?

Téo – Hoje, principalmente, maquinário. Eles usam bomba, só através de bomba. Aí sim.

Elodia Lebourg – Qual bomba?

Téo – Bomba que puxa água, que desvia água. Eu acredito que...

Elodia Lebourg – Na sua época, quando não tinha esse tipo de maquinário, era a bateia...

Téo – Era tudo à mão, tudo à mão mesmo! Eu carregava o material de um lado para outro. Na saída para Mariana, eles estão destruindo um mundéu¹⁴, estão tirando ouro do lugar e estão destruindo a coisa original. Tudo só para... Caçando ouro.

Bernardo Andrade – Onde é esse mundéu?

Téo – É o último mundéu de Ouro Preto. Tem um na Piedade¹⁵, um na saída da Rua Santa Rita entrando para o Morro Santana¹⁶. Ali, eles captaram ouro em várias seqüências, não é? Então, eles estão demolindo o principal para...

Elodia Lebourg – Explica melhor o que é um mundéu.

Téo – Mundéu é um coração de pedra, está entendendo? Jogava-se o barro ali, o ouro chegava ali e parava, porque ele é pesado. Então, ele se concentrava naquele barro. Um barro bem liguento¹⁷, meio preto – este barro é muito rico em ouro.

Elodia Lebourg – Dependendo do material procurado, existe diferença de materiais utilizados, tanto na época em que você mais garimpava como hoje?

Téo – A senhora diz... Como assim?

Elodia Lebourg – Por exemplo, se estou procurando ouro ou se estou procurando topázio, tem diferença de material?

Téo – Ah, tem! Com certeza!

Elodia Lebourg – Como funciona isso?

Téo – O tipo de ferramenta, não é? A ferramenta do topázio é mais picareta. A do ouro já é enxada, bateia, cobertas.

Elodia Lebourg – Em qual tipo de situação se usaria a enxada para garimpar ouro?

Téo – Ela é uma enxada curvada, com um cabo grande, para tirar o material do fundo...

Elodia Lebourg – No fundo do leito do próprio rio?

¹⁴ Tipo de barragem em que era lavado o ouro garimpado nos morros.

¹⁵ Bairro de Ouro Preto.

¹⁶ Bairro de Ouro Preto.

¹⁷ Barro com liga.

Téo – Isto. É tipo uma pá ao contrário, entendeu? Se eu a cortar, virar, um cabo bem grande. Aí puxava o material do fundo.

Elodia Lebourg – E no caso do topázio?

Téo – Ah, o topázio já é mais difícil! É uma coisa mais rara do que o ouro.

Elodia Lebourg – Em que tipo de solo ele surge?

Téo – Rocha. Ele é encravado em uma rocha, tipo uma bauxita. O início do topázio foi aqui, em Saramenha¹⁸. Eu tirei muito topázio também.

Elodia Lebourg – Que tipo de material o senhor garimpava, basicamente?

Téo – Ouro e topázio.

Elodia Lebourg – Como se escolhe o local para garimpar? Como você descobre o campo e percebe que aquele local vale a pena?

Téo – Você vai com a bateia e faz um teste. Se houver alguma pinta na bateia, com certeza aquele lugar tem ouro.

Elodia Lebourg – O que é esta pinta?

Téo – É ouro em pó. Ele é bem... É tipo uma farinha. Mais ao fundo, ele vai engrossando. Pesado, não é? Ouro é diferente de todos os minerais, com certeza.

Elodia Lebourg – Em um garimpo, você faz o teste e descobre que aquela área vale a pena. O que se faz em seguida? Quais são as etapas do processo?

Téo – Eu tiro todas as pedras pesadas, as quebro se for possível, arrumo uma cobertura de pelúcia e coloco no leito do rio.

Elodia Lebourg – Uma cobertura? Como assim?

Téo – Uma cobertura porque, dependendo da maneira como você vai puxando, o ouro não passa ali. Parece que a cobertura agarra o ouro. Aí, no final da tarde, você leva a bacia, bate aquela cobertura e bateia...

Elodia Lebourg – De qual material é feita essa cobertura?

Téo – Cobertura comum. Quanto mais pêlo, melhor é.

Elodia Lebourg – E em seguida?

Téo – Ela é batida em uma bacia. Depois é só apurar.

Elodia Lebourg – O que é apurar?

Téo – Esse processo é na bateia.

Elodia Lebourg – Então, você não usa a bateia direto no leito do rio?

Téo – Não, não.

¹⁸ Bairro de Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Você a usa depois de passar pela coberta?

Téo – A bateia é somente para fazer o teste e para o final, não é?

Elodia Lebourg – Certo. O senhor saberia me dizer se as técnicas de garimpar evoluíram ao longo do tempo? Houve alguma transformação no processo de garimpar? Ou os garimpeiros continuam usando as cobertas?

Téo – Mesmo sentido, mesmo sentido. Até hoje, eles continuam usando essas cobertas. É a maneira mais fácil. A técnica mais avançada é esta, com a coberta mesmo. Não tem outro sentido, viu? A não ser que fizeram... Mas não tem outro sentido, não. São cobertas, enxada e bateia, pá, picareta e muita força, muita coragem.

Elodia Lebourg – Por que força?

Téo – Porque tem lugar muito... É engraçado, o ouro só fica em lugar bem acidentado – é o melhor lugar que tem. Daqui até Mariana, vários locais ainda não foram mexidos; não tem como mexer. Eu acredito que sejam bons locais. Eu acredito que o ouro desce da serra, não é? É melhor depois da época de chuva, quando tem menos água nos rios.

Elodia Lebourg – Em relação ao topázio, como se conhece um bom local para ter topázio?

Téo – Eu não sei dizer direito a você, porque eu trabalhei para os outros, entendeu? Quando fui fichado lá, esse processo já era contínuo. O trabalho era só cavar, só cavar, só cavar.

Elodia Lebourg – Você cavava e, em seguida, o retirava do local onde estava?

Téo – Retirava aquele material grosso e peneirava-o.

Elodia Lebourg – Peneirava?

Téo – Isto. Porque as cores da terra e do topázio são quase as mesmas. Ele passava junto com a terra e você não via. Quanto menor, melhor. Então, você jogava uma pedra boa fora. Também precisa de água; eu acho que na água ele é melhor.

Elodia Lebourg – Na água?

Téo – É. Lavá-lo na água, lavar o minério bruto, não é? Ele tem um brilho... Parece que ele atrai.

Elodia Lebourg – Entendi. Em relação à técnica de garimpar o topázio, você saberia dizer se houve diferença? Se ela melhorou?

Téo – Hoje, eu acredito que melhorou.

Elodia Lebourg – Como é feito hoje?

Téo – Com maquinário, não é? Ele é peneirado. Hoje a técnica é bem mais avançada do que era antes, quando tudo era manualmente mesmo.

Elodia Lebourg – Em quais locais o senhor já garimpou topázio?

Téo – Saramenha, Rodrigo Silva¹⁹ e Antônio Pereira.

Elodia Lebourg – Em todos os três, você era contratado por outra pessoa?

Téo – Isso, em todos os três.

Elodia Lebourg – Como você conseguia esse tipo de trabalho? O que era necessário para trabalhar na exploração do topázio?

Téo – Ferramentas mesmo: picaretas, enxada, pá. Primeiro, o trator fazia a limpeza e depois a gente ia cavando.

Elodia Lebourg – E quais foram os locais onde você garimpou ouro?

Téo – Ouro é em outros lugares.

Elodia Lebourg – Quais?

Téo – Até mesmo nas minas, nessas minas de Ouro Preto aí. Morro São João²⁰, Cachoeira das Andorinhas, este córrego aqui, Casa dos Contos, e vários lugares que... Sendo curioso, é perigoso ter até hoje. Depende de muita água, por isso não compensa mais.

Elodia Lebourg – Você disse que, dependendo dos lugares, vai até hoje como curioso. Quais são esses locais?

Téo – Estes morros de Ouro Preto, principalmente Morro Santana, São João, Taquaral²¹.

Elodia Lebourg – O que diferencia esses locais daqueles antigos em que você garimpava?

Téo – A gente percebe que já conhece o solo, ele dá muito... Ouro acompanha muito cristal de rocha. E aqui é, esse local específico é para isto mesmo. Uma coisa muito curiosa é esta pedra mineira mesmo. Você vai para este lado de Mariana e encontra várias rochas de pedra. Se pegar uma colher ali, você encontra ouro. Isto depende do local, viu? Tem um barro bem liguento e ouro gosta muito dessa liga de barro.

Elodia Lebourg – Por quê?

¹⁹ Distrito de Ouro Preto.

²⁰ Bairro de Ouro Preto.

²¹ Bairro de Ouro Preto.

Téo – Eu não sei, viu menina? Eu vejo muito junto com barro. Então, se tinha uma planta, perto de um rio, debaixo de uma raiz de planta, ali dava três gramas de ouro. E tem local onde você trabalha, trabalha, trabalha e não encontra nada! Por isso eu falo com você: é sorte!

Elodia Lebourg – O senhor saberia me dizer o que é uma Área de Reserva Garimpeira?

Téo – Não.

Elodia Lebourg – O que pode acontecer quando você garimpa em uma área considerada ilegal?

Téo – Ah, vou preso, com certeza!

Elodia Lebourg – O senhor sabe de casos em que isso aconteceu?

Téo – Não.

Elodia Lebourg – De companheiros?

Téo – Só no topázio, porque muita gente tirava ao redor da montanha. Topázio deu muito problema. Nos córregos, não. Tinha vez que ia de madrugada tirar, não é?

Elodia Lebourg – Mas isso acontece?

Téo – Acontece.

Elodia Lebourg – É uma área ilegal ou é uma área particular?

Téo – É particular. Toda esta área aí é particular.

Elodia Lebourg – Mas tem segurança?

Téo – Ah, tem! Antes era mais fraca e o povo ia, não é? Até eu mesmo já fui. Trabalhava e tirava os... Rola muito nos rios por causa da chuva, não é? Então, nos rios, costumava achar também.

Elodia Lebourg – Alguma época do ano é melhor para garimpar?

Téo – A época em que não chove.

Elodia Lebourg – Por quê? Explica para a gente.

Téo – A concentração de ouro é de um local onde... Quando chove, ele vai se juntando em um lugar só, ele fica no lugar mais profundo. O solo de Ouro Preto tem muita pedra também, não é? Então você o encontra ali, em vários locais, debaixo das pedras, maloca de pedra, sem ter muito trabalho.

Elodia Lebourg – Existe algum horário quando é melhor garimpar?

Téo – À noite é bom, não é?

Elodia Lebourg – Por quê?

Téo – Não sei, [riso] não sei. À noite é muito bom, pegar sorte, não é? Muita sorte à noite.

Elodia Lebourg – Você encontrava mais ouro quando garimpava à noite?

Téo – É, à tarde. De tarde até nove horas da noite. É engraçado!

Elodia Lebourg – Em termos aproximados, quantas horas você trabalhava por dia?

Téo – Não tem hora, não. Quanto melhor o lugar, mais a gente ficava.

Elodia Lebourg – O senhor falou de áreas onde vocês conseguiam mais de um grama de ouro por dia. A avaliação do desempenho de um garimpo é feita entre vocês?

Téo – É.

Elodia Lebourg – O que é garimpar bem em um dia, garimpar pouco no outro? Como é isto?

Téo – Se você tirar um grama de ouro, como se diz, você está feito, em um dia. E no outro... Talvez você trabalhe uma semana e nada! A outra, nada! Então chega a um local e encontra e você recupera aquele tempo perdido. A gente costuma também desistir. Além de ouro, encontra várias coisas aqui: é torneira velha, é prata, um punhado de coisa. Tudo tem valor. Parece que o lixão de Ouro Preto é jogado nesta região aqui. Tem torneira velha, [ferro de passar]²², tem que ser restaurado, mas muito bonito, bronze, encontrado nos córregos.

Elodia Lebourg – Vocês encontram esse tipo de coisas?

Téo – Encontramos, encontramos.

Elodia Lebourg – E o que vocês fazem com isso?

Téo – [riso] Vendemos tudo.

Elodia Lebourg – Para quem?

Téo – Para turista mesmo.

Elodia Lebourg – E é comum?

Téo – É comum encontrar esses objetos.

Elodia Lebourg – O que mais é possível encontrar?

Téo – Cachimbo.

Elodia Lebourg – Você já encontrou?

Téo – Muitos.

Elodia Lebourg – O que mais?

²² Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

Téo – Torneira, essas pratas.

Bernardo Andrade – Moeda?

Téo – Moeda, isto. Muitas coisas. Baioneta.

Elodia Lebourg – Baioneta?

Téo – É, principalmente nesta região aqui, mais baixa.

Elodia Lebourg – Mas é comum?

Téo – É comum.

Elodia Lebourg – Como é vendido o ouro que vocês encontram?

Téo – A esse pessoal que faz aliança, não é? Mariana, Ouro Preto... Qualquer pessoa... Basta você ter e qualquer pessoa te compra ouro.

Elodia Lebourg – Vocês mesmos, que garimpam, vendem seu ouro?

Téo – Isto.

Elodia Lebourg – Prioritariamente, vendem para lojas ou para turistas?

Téo – É loja, é loja. Os ourives compram tudo.

Elodia Lebourg – Em um garimpo, que tipo de problema é mais comum acontecer?

Téo – Doença.

Elodia Lebourg – Por quê?

Téo – A gente gripa muito, constantemente. Hoje não é viável, hoje em dia não compensa.

Elodia Lebourg – Mas não tem algum equipamento, alguma roupa de proteção que possa ser usada?

Téo – Eu nunca usei, eu nunca usei.

Elodia Lebourg – Mas existe?

Téo – Eu acredito que sim. Hoje, sim. Mas eu nunca usei. Eu acho que importa muito, pesa muito. Quanto mais livre você estiver, melhor; você trabalha mais.

Elodia Lebourg – Quanto mais o quê?

Téo – Mais livre. Sem muita veste, desenvolve mais o serviço.

Elodia Lebourg – Qual outro tipo de problema poderia ocorrer?

Téo – ...²³

Elodia Lebourg – Tipo invasão? O senhor já viu casos de um garimpeiro invadir o local do outro?

Téo – Ah, com certeza!

²³ O entrevistado hesita em responder, por não ter entendido a pergunta.

Elodia Lebourg – Vocês têm locais pré-determinados?

Téo – Não, não temos, não temos. A gente pega a ferramenta, vai àquele lugar, trabalha e pronto. Não tem um local determinado.

Elodia Lebourg – Quando termina o serviço nesse lugar, quando você não mais consegue explorar bem, como é feita a mudança para outro local? As pessoas que garimpam vão juntas? Vocês contam?

Téo – São sempre três, quatro amigos. Nós vamos juntos.

Elodia Lebourg – Que tipo de acidente pode acontecer em um garimpo?

Téo – É pedra, pedra rolando na mão, pedra muito pesada. Machucar com pedra muito pesada. E esse obstáculo acontece direto, diariamente.

Elodia Lebourg – Você já sofreu algum tipo de acidente assim?

Téo – Não, não.

Elodia Lebourg – Conhece caso de alguém que sofreu um acidente?

Téo – Conheço.

Elodia Lebourg – Pode citar para a gente?

Téo – Posso. Ele chamava-se Maurício²⁴. Chama até hoje, acho que não faleceu ainda. Caiu uma pedra no braço dele.

Elodia Lebourg – Como uma pedra cai no braço do garimpeiro? Explica.

Téo – Ele estava tirando com a alavanca e a pedra prensou. Foi prensado.

Elodia Lebourg – Existem gírias ou expressões próprias dos garimpeiros?

Téo – De que modo você diz?

Elodia Lebourg – Tipo “ouro de tolo”?

Téo – Ah, tem...

Elodia Lebourg – Garimpeiro usa esse tipo de expressão?

Téo – Tem. Nesta região aqui, tem muito. Depois deste túnel, tem muito²⁵. Uma vez, eu fui garimpar lá, a bateia encheu, encheu... Achava que era ouro.

Elodia Lebourg – E o que é “ouro de tolo”?

Téo – É pirita²⁶.

Elodia Lebourg – E o que é pirita?

Téo – Pirita porque não dá liga, não dá liga, o material é muito leve. Ouro já é mais pesado. E a cor é a mesma.

²⁴ O entrevistado não mencionou o nome completo.

²⁵ O entrevistado refere-se ao ouro de tolo e não às expressões usadas pelos garimpeiros.

²⁶ Conhecida como ouro de tolo, sua ocorrência está associada ao carvão mineral, constituindo uma das suas principais impurezas. Por sua aparência, pode ser confundida com ouro.

Elodia Lebourg – Além deste termo “ouro de tolo”, vocês usavam outras expressões próprias dos garimpeiros?

Téo – Só se vier na minha cabeça para responder.

Elodia Lebourg – Em relação à sua atividade como garimpeiro, existe algum fato, alguma história engraçada ou triste, que você poderia contar para a gente?

Téo – Meu pai foi rico. Ele achou, de uma vez só, 14 quilos.

Elodia Lebourg – Quatorze quilos? De ouro?

Téo – É. Ele achou uma garrafa assim²⁷.

Elodia Lebourg – E o que ele fez com isso?

Téo – Vendeu.

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto?

Téo – Mariana. Mas o que eu achei, o rapaz me tomou lá na Ponte do Suspiro²⁸. Estava demolindo um paredão lá.

Bernardo Andrade – E estava no meio do paredão?

Téo – Estava no meio do paredão uma garrafa assim²⁹. Era uma garrafa comprida.

Bernardo Andrade – O seu pai a vendeu?

Téo – Não, o rapaz com quem eu trabalhava me tomou. Falou: “Depois eu dou a você uma gorjeta”. Até hoje! [ironia]

Bernardo Andrade – Onde o pai do senhor achou essa garrafa?

Téo – No Manso. Ela estava embrulhada em um couro. Quando ele puxou a pedra, estava aquele couro. Quando ele abriu, o ouro estava puríssimo. Ele achou puríssimo.

Bernardo Andrade – Esse ouro estava em pó ou já fundido?

Téo – Estava em pó. Ele não estava bem em pó, não; ele estava em grão, grão... Parecendo um grão de arroz, não é? Deveria ser de alguma pessoa que... Era lugar que não tinha bastante água.

Jason Santa Rosa – Por que o senhor parou de garimpar? Ou o senhor não parou?

²⁷ O entrevistado mostra com as mãos o tamanho aproximado da garrafa.

²⁸ Também conhecida como Ponte do Antônio Dias ou Ponte de Marília, em Ouro Preto.

²⁹ Novamente, o entrevistado mostra com as mãos o tamanho aproximado da garrafa.

Téo – Eu parei. Praticamente parei por causa do... O local aqui não dá mais, é muito pouco, não compensa. A gente tem família, está entendendo? É uma atividade muito duvidosa.

Jason Santa Rosa – Mas tem gente que ainda trabalha.

Téo – Trabalha.

Jason Santa Rosa – Por quê?

Téo – Desemprego, com certeza. A gente tem que fazer de tudo. Além de garimpar, eu faço qualquer coisa. Não pago INPS³⁰ mais, as coisas...

Jason Santa Rosa – Então, ninguém consegue viver só do garimpo?

Téo – Não, absolutamente não. Como se diz, é quebra-galho só. Quebra-galho para não ficar parado.

Jason Santa Rosa – E a poluição?

Téo – Nenhuma. Não. Acredito que nenhuma.

Jason Santa Rosa – Nos córregos?

Téo – Não. Não danifica nada.

Jason Santa Rosa – Eu falo assim: os córregos e os rios não estão muito poluídos?

Téo – Isto.

Jason Santa Rosa – Isso não traz doença?

Téo – Isto. Tem esta também. Hoje acabou, não tem como.

Jason Santa Rosa – Não é como quando o senhor era menor, pequeno?

Téo – A água era mais limpa. Hoje, esta poluição é grave. Se você entrar em um rio desses e ficar o dia inteiro – imagina? –, a semana inteira, você vai ficar doente. Com certeza. É muito plástico, é muito esgoto! Não compensa.

Jason Santa Rosa – O que aconteceu do tempo do seu pai para o tempo do senhor?

Téo – Ah, muita coisa! Muita coisa modificou.

Jason Santa Rosa – Quais são as mais importantes?

Téo – Ouro Preto teve muito problema. A gente não tinha acesso ao Grupo³¹. Hoje, depois de velho, comecei a estudar. Meu pai já foi muito rico, viu rapaz? Problema de leitura mesmo, ele jogou tudo fora, viu? Foi dono de muito

³⁰ Instituto Nacional de Previdência Social, atual INSS, Instituto Nacional de Seguridade Social.

³¹ Escola.

terreno. Jogou tudo fora, os outros passavam a perna nele. Acabou morrendo. Ilusão.

Jason Santa Rosa – A história de Ouro Preto e de Mariana é ligada ao garimpo?

Téo – É, com certeza. Tudo é garimpo, tudo! Política! Em lugar que tem riqueza, tem política.

Jason Santa Rosa – Você acha que ainda há lugar para ser garimpeiro?

Téo – Acho que sim.

Jason Santa Rosa – Onde?

Téo – Aqui em Ouro Preto? Qualquer local aqui. Tem muito local curioso aqui.

Jason Santa Rosa – O que falta para acontecer isso?

Téo – Eu acho que – como o senhor diz – despoluir o rio. Se despoluísse o rio, acredito que ainda podia voltar o povo a viver do garimpo.

Jason Santa Rosa – E o garimpo com máquina? Não é uma forma de...

Téo – Eu acho que, com máquina, é mais viável.

Jason Santa Rosa – Mas não estraga a natureza?

Téo – A natureza só é estragada com grande impacto. Acho que mexendo no local... Por exemplo, se você mexer no leito do rio, em cima do rio, ele não estraga floresta nem nada, viu? Não pode é abusar muito, não é?

Jason Santa Rosa – O que é abusar muito?

Téo – O povo joga terra para dentro do rio. Aí vai enchendo, não é?

Jason Santa Rosa – Hoje em dia, tem muito ambientalista, não tem? Como o senhor vê a relação desse pessoal que quer preservar a natureza e o garimpeiro?

Téo – Ah, isto... Isto é uma briga constante, viu? Mas o garimpo manual não prejudica em nada, porque não abre cratera em mata nenhuma, abre... O espaço é bem pequeno. Eu acho que isso não deveria ser proibido, não.

Bernardo Andrade – O senhor usava mercúrio³²?

Téo – Não, nunca. Nunca usei.

Bernardo Andrade – Aqui na região, o senhor conhece alguém que usava?

³² Mineral líquido e pesado, o mercúrio é utilizado pelos garimpeiros no processo de concentração do ouro na bateia. Lançado aos rios, o produto é absorvido por todas as classes de vegetais e animais. O ser humano, por exemplo, por não conseguir digerir o mineral, fica sujeito, dependendo do volume ingerido, a distúrbios nervosos e mesmo à morte.

Téo – Eu nem conheço mercúrio, eu nem conheço mercúrio. É só mesmo... O ouro que a gente tirava vinha misturado com chumbo; era o mesmo peso do ouro. O ourives lá, eu acho que ele usava para separar.

Jason Santa Rosa – O senhor já esteve nessas minas antigas?

Téo – Já. Muitas e muitas vezes.

Jason Santa Rosa – O que o senhor achou disso?

Téo – Eu achei ouro.

Jason Santa Rosa – Onde?

Téo – Naquela região do Morro Santana e Piedade. Lá, o difícil é que não tem água. Algumas têm, outras não.

Jason Santa Rosa – Qual é a diferença de ter água e não ter água?

Téo – Quanto mais água, mais ouro você encontra. Tem lugar que é muito bom, muito curioso.

Jason Santa Rosa – Água subterrânea?

Téo – É, subterrânea.

Jason Santa Rosa – Como a gente fica sabendo que tem água subterrânea?

Téo – Você tem que entrar, ir até o final dela, [na]³³ água. O próprio local te ensina... Os negros faziam aquela “panela” assim³⁴. Você vai acompanhando aquele local assim, aqueles veios – o ouro dá nos veios. A gente raspa ali, leva, faz o teste.

Jason Santa Rosa – O que é “panela”?

Téo – Faz dentro da mina. Tinha um cocho assim³⁵; com bastante água, ali mesmo ele lavava. Iluminação era vela; não tinha outro material, só vela.

Jason Santa Rosa – Algum filho do senhor quis mexer com isto?

Téo – Não. Nada. Inclusive, o meu mais velho é doente, Síndrome de Down. Os outros não...

Elodia Lebourg – Senhor Téo, a gente está encaminhando para finalizar a nossa entrevista. O senhor gostaria de falar alguma coisa que a gente não abordou aqui?

Téo – Eu acho que não, eu acho que não.

Elodia Lebourg – Bernardo?

³³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

³⁴ O entrevistado mostra com as mãos o formato aproximado da “panela”.

³⁵ Novamente, o entrevistado mostra com as mãos o formato aproximado da “panela”.

Bernardo Andrade – Não.

Elodia Lebourg – Jason?

Jason Santa Rosa – Não.

Elodia Lebourg – A última pergunta. O que você achou de ter participado do Projeto Vale Registrar?

Téo – Eu gostei. Uma coisa curiosa, nunca tinha assim... Este bate-papo, ok?

Jason Santa Rosa – O senhor já tinha andado de trem?

Téo – Eu andei, de Mariana para cá.

Jason Santa Rosa – Quando foi isso?

Téo – Eles foram buscar os guias lá em cima, levaram a Mariana, fomos ao SINE³⁶, depois subimos de trem.

Jason Santa Rosa – O que o senhor achou?

Téo – Beleza! Este trem está trazendo turista para Ouro Preto e a gente aqui depende do turismo. Beleza mesmo! Muito bom!

Elodia Lebourg – Está bom, Senhor Téo. Muito obrigada pela sua entrevista.

Téo – Eu agradeço vocês. Me desculpem a demora³⁷. Não pude vir mais cedo mesmo. Precisando de mim, eu trabalho lá na entrada de Ouro Preto³⁸. Vocês são daqui?

Bernardo Andrade – Eu sou.

Téo – Você?

Elodia Lebourg – Não.

Téo – Você?

Jason Santa Rosa – Não.

Téo – Não conhece Ouro Preto?

Elodia Lebourg – Conhecemos.

Téo – Parte histórica, tudo? Na parte da história, tudo?

Elodia Lebourg – Conhecemos.

Téo – Ah, então está bom, está bom! [risos]

Jason Santa Rosa – Obrigado, Senhor Téo.

Bernardo Andrade – Obrigado.

³⁶ Sistema Nacional de Emprego.

³⁷ Refere-se ao fato de, por uma falha de comunicação, ter se apresentado para a entrevista em um horário mais avançado, deixando a equipe de gravação à espera.

³⁸ Refere-se ao Posto de Informações Turísticas de Ouro Preto, à Avenida Padre Rolim, na entrada de Ouro Preto.

[Término da entrevista]